

NGANGUELA COMO IDENTIDADE ETNOLINGUÍSTICO DE UM POVO

NGANGUELA AS THE ETHNOLINGUISTIC IDENTITY OF A PEOPLE

Domingos Njamba Yeta

Complexo Escolar nº02 do Ritenda – Dundo, Angola

RESUMO

Este trabalho resulta de uma necessidade de distinguir as línguas que constituem o Grupo étnico linguístico Nganguela. É do nosso conhecimento que, em muitos estudos feitos em Angola sobre a classificação das línguas existentes, o termo Nganguela muitas vezes é visto ou confundido como uma determinada língua específica utilizada pelo povo e está a ser ensinada nas escolas, não como um termo que designa um conjunto de etnias que possuem identidade própria, línguas e cultura. Com isto, para a concretização deste trabalho, nos orientamos pela seguinte pergunta de partida: Quais são as línguas que constituem o grupo étnico linguístico Nganguela? E, quanto aos objetivos: Geral: Descrever o quadro atual das línguas que constituem o grupo étnico linguístico Nganguela; Específico: Ilustrar as línguas que constituem o grupo étnico linguístico Nganguela. Quanto ao tipo de estudo, este, é de natureza bibliográfica que nos possibilitou recorrer a diferentes referências bibliográficas ou trabalhos publicados no passado relacionados ao nosso tema. De fato, os resultados do presente trabalho mostram que é necessário haver vários estudos linguísticos que tragam evidências sobre o verdadeiro panorama das línguas que constituem o mosaico etnolinguístico do grupo Nganguela; por outra, o trabalho mostra, igualmente, que o termo Nganguela não denomina uma determinada língua, mas sim um conjunto de etnias que possuem próprias línguas e culturas que estavam localizadas no Sudeste de Angola.

PALAVRAS-CHAVE

Nganguela. Identidade. Língua.

ABSTRACT

This work results from a need to distinguish the languages that make up the Nganguela ethnolinguistic group, it is our knowledge that, in large studies carried out regarding the classification of the ethnolinguistic groups of Angola, the term Nganguela is often seen or confused as a particular language and not as a term that designates a group of peoples that have their own identity, their languages and culture, with this, for the accomplishment of this work we address with the following starting question: What are the languages that constitute the Nganguela ethnolinguistic group? And, as for the objectives, we have: 1-general: Describe the current situation of the languages that make up the Nganguela ethnolinguistic group, 2-specific: Illustrate the languages that make up the Nganguela ethnolinguistic group. As for the type of study, this is of a bibliographical nature that allowed us to resort to different bibliographical references or works published in the past related to our theme, in fact, the results of the present work show that it is necessary to have several linguistic studies that bring evidence about the true panorama of the languages that constitute the ethnolinguistic mosaic of the Nganguela group, on the other hand, the work also shows that the term Nganguela

does not refer to a specific language, but rather a set of ethnicities that have their own languages and cultures that were located in the east from Zambezi river and kwando.

KEYWORDS

Nganguela. Identity. Language.

Introdução

As abordagens ligadas aos estudos das línguas de Angola nos últimos tempos têm sido um dos grandes desafios do Governo e Pesquisadores que visam criar políticas e condições com objetivo de promover e conservar as mesmas. Angola é um País africano, caracterizado pela diversidade linguística e cultural. O seu povo teria partido dos grandes lagos em direção a área subsaariana, ocupando quase uma metade do continente africano.

Este trabalho resulta de uma necessidade de distinguir as línguas que constituem o Grupo étnico linguístico Nganguela. É do nosso conhecimento que, em muitos estudos feitos quanto a classificação das línguas que existem em Angola, o termo Nganguela é visto ou confundido como um nome que designa uma determinada língua usada pelo povo.

Com isto, queremos dizer que o presente trabalho visa abordar sobre o grupo étnico Nganguela, no sentido de demonstrar que a palavra Nganguela não é um nome que designa uma determinada língua específica, mas sim um termo que foi usado por um povo, que se encontrava no Sudeste de Angola para se identificar como povos provenientes do Leste.

Quanto a estrutura do trabalho, na primeira instância abordou-se sobre línguas Bantu com o objetivo de percebermos a sua origem, trajetória e os grandes contributos dados pelos primeiros estudiosos das línguas Bantu; no segundo, procuramos falar sobre o Nganguela, visando mostrar a sua origem e as línguas que constituem o grupo étnico Nganguela; e, por último, o mesmo trabalho trata das metodologias usadas e considerações finais. O trabalho demonstra que é urgente pensar em trazer as verdades das línguas nativas.

1. Línguas Bantu

Falar sobre as línguas Bantu é falar sobre um produto de identidade cultural e social de povos que habitam no continente africano concretamente na África Subsaariana. A língua está ligada aos seres humanos, é através dela que o homem se integra na sociedade, porque entendemos que a estrutura da identidade depende dos fatores sociais e a língua é um dos elementos importante para a construção da identidade de um indivíduo. Mas, de salientar que não é só a língua que determina a nossa identidade, mas também o nosso modo de vestir, a forma que tratamos da nossa imagem, a forma que nós nos posicionamos, tudo isto define o que somos. Logo, estaríamos perante aquilo que se chama de semiótico. Por isso, entendemos que a língua é um sistema semiótico social. Mas, antes de tudo, ao procurar entender o comportamento linguístico a nível sintático, morfológico, semântico, pragmático, etc., Sapir (1761), fez um estudo linguístico das estruturas e tipologias das línguas em geral e, o mesmo, obteve as seguintes classificações: Línguas flexionais, Línguas isoladas e Línguas aglutinantes.

Numa abordagem morfológica, este autor entende por línguas flexionais como toda língua que funciona com afixos para determinar o gênero, número etc., para línguas isoladas o autor mostra que, para além de ser chamadas línguas isoladas elas também podem ser chamadas de línguas monossilábicas por não possuir os afixos e, quanto que à línguas aglutinantes, essas línguas formam as suas palavras por processo de aglutinação mórfica, e cada morfema representa uma unidade significativa, por exemplo, podemos constatar isto nas línguas Bantu, especificamente, a língua Mbunda e Cokwe, o morfema (Ka) tem um valor diminutivo que por si só tem uma significação por isso baseando na visão do Sapir podemos dizer que as Bantu pertencem a classe das línguas aglutinantes.

Neste trabalho trouxemos um assunto ligado ao grupo etnolinguístico Nganguela e sabemos que o grupo étnico Nganguela pertence às línguas Bantu, logo, segundo Sapir remete-nos à classe das línguas aglutinantes, as línguas aglutinantes ou Bantu sempre foram alvo de muitos estudos e, graças aos métodos históricos comparativos do Melcom Guthrie (1903-1972) chegou-se à conclusão, de que, essas línguas pertencem à mesma família Bantu e dando hipótese de que haveria uma língua mãe chamada de proto-bantu que era falada no centro de África na região de Camarões e da Nigéria Oriental moderna a cerca de 3000 anos atrás Santiago (2015) ou talvez era uma língua falada nas regiões dos grandes lagos, donde, segundo a história, os Bantu se dispersaram em direção ao sul do continente, Revista tempo (1991).

O continente africano é caracterizado pela diversidade cultura e linguística, os estudos linguísticos Bantu começaram com os grandes pioneiros mais destacados como: W. H. I. Bleek (1827-1875), Carl Meinhof (1857-1944), Maicon Guthrie (1903-1972), Achille E. Meeussen (1912-1978), Joseph Greenberg (1963) e outros, estes autores procuraram estudar as diversidades linguística africanas em várias perspectivas que ajudaram no entendimento das suas classificações e funções.

O termo Bantu (significa povo, pessoas) refere-se ao grupo étnico linguístico, segundo Santiago (2015 p. 35) “ a palavra Bantu (significa “povo” em muitas línguas bantu) refere-se a um grupo de cerca de 600 línguas bantu e aos seus falantes, conta com cerca de 90 milhões de pessoas”, e para Ngunga (2015), Petter (2015) *apud* Timbane & Câmara (2022 p. 16) “ Bantu refere-se a um grupo de línguas faladas por cerca de 220 milhões de pessoas localizadas geograficamente entre a região dos montes de Camarões ... até a África austral”.

O prefixo BA denota o plural e quando é combinado com NTU forma-se a palavra BANTU para designar o plural de pessoas ou povos e, tendo em conta a diversidade linguística africana, os autores procuraram classificar as línguas para o melhor entendimento e apresentaram diversas classificações, mas de destacar que, Joseph Greenberg (1963) apresentou a seguinte classificação genealógica como: Família Kongo-Kordofan ou (ou nigero-congolesa), Família Nilo-Saariana, Família Afro-asiática, e Família Xoisán (Khoisan), para nós, iremos destacar as línguas que constituem a família Kongo-Kordafona ou Negro congolesa para atingir os nossos objetivos.

Os estudos antropológicos mostram que o movimentos de expansão do povo bantu foi um dos grandes movimentos que se registrou a 3 milénio e, a causa desta expansão é o desenvolvimento de agricultura, a fábrica de cerâmica e o uso de ferro, esse movimento fez com que o povo bantu deslocassem ao ponto ocupar toda parte da África subsaariana, e hoje, este povo encontra-se permanente nestas regiões facto que levou os estudiosos a concluir que existe línguas bantus do oriental (zonas D, E, F, G, N, P, S, J) e línguas bantu Ocidental (A, B, C, H, K, L, R)

sem contar com as línguas K, L e R que pertencem em duas zonas, para Jan Vansina e Bernd Hein *apud* Santiago (2015, p.34), Ngunga (2004 *apud* Abdula, 2014 p. 20) “ a dispersão do povo bantu teve duas fazes, a primeira dos falantes da zona A, B e C e a segunda foi a expansão dos outros grupos bantu”, baseando-se na visão destes autores, os primeiros povos teriam saído da selva seguindo os rios em direção de Zambeze onde houve dispersão de um grupo ao norte e outros ao sul, com base a isto, o Bernd Heine *apud* Santiago (2015, p. 34) apresenta a seguinte explicação:

1º) - uns grupos haviam saído do norte e sul dos Camarões e os outros indo em direção ao leste para chegar a noroeste da República Democrática do Congo na região dos grandes lagos a leste;

2º) -Outros haviam saído da confluência dos rios Congos e Ubangi de onde saíram 7 grupos Alto-Kongo, Teke-Mbete, Kikongo, Boma, Yanzi e Cokwe.

3º) -Haviam saído da região de Kassayi de onde saíram línguas dos grupos oriental (D, E, F, G, M, N, P, S, J). (Santiago *ibdm*).

Além desta classificação, o Mutombo (2008) apresenta-nos uma classificação recente tendo em conta a evolução do povo e o tempo, porque, estamos cômico de que a África foi um palco de trajetória de diferentes culturas, línguas através de processo de colonização, e graças a este processo as duas culturas fundiram-se ao ponto de trazer diferentes culturas e línguas dentro do continente, por isso, o Mutombo (2008) traz uma classificação recentes tendo em conta a complexidade de línguas atuais, para este autor, as línguas estão agrupadas da seguinte forma: Línguas Metropolitanas, Línguas Mistas e Línguas Autóctones (Veicular e Vernáculos), no seu entender, as línguas Metropolitanas seriam línguas de prestígios que possibilitam a comunicação de utentes a nível internacional tal como: Português, Inglês, Espanhol, Francês, Italiano etc. em quanto que as línguas Mistas são línguas que resultaram do contato estabelecido entre línguas autóctones e línguas metrópoles no caso de crioulo e, por fim, línguas autóctones (veicular e vernáculos) são aquelas que não são reconhecidas nacionalmente e muitas das vezes são considerados como línguas indígenas tal como: Mbunda, Cokwe, Umbundo, Kikongo, Kimbundo, Oxikwanyama etc.

1.2 Situação linguística de Angola

Angola é um país rico e belo, localizada na África Austral com as seguintes coordenadas: latitude norte 4º 22', sul 18º 2'; longitude leste 29º 5' oeste 11º 41'. Com uma superfície de 1 246 700km², possuindo uma linha continua de fronteira terrestre de 4777 Km², partilha fronteiras com a República Democrática do Congo, Namíbia, e a Zâmbia sendo banhado pelo oceano atlântico Nauge (2017), este país é caracterizado pelo multiculturalismo e plurilíngue, numa perspectiva política e linguística, desde, a sua essência sempre enfrentou ou continua enfrentando grandes dificuldades quanto ao conhecimento linguístico, vários são fatores que influenciaram, vendo que antigamente práticas coloniais cingiam-se na elaboração de leis que coibisse o uso das línguas nativas, por outro, o ensino nesta época tinha tendência de transformar as culturas africanas para cultura Europeu e uma das primeiras fases era a obrigatoriedade de uso de língua portuguesa, por isso, o Mimmi (1977) *apud* Fonseca (2012, p. 10) diz que “a maior parte das crianças colonizadas está na rua. E aquele que tem insigne oportunidade ...não será nacionalmente salva: a memória que lhe forma não é do seu povo. A história que lhe ensinam não é a sua”, e estas crianças quando eram enviadas para Portugal

segundo Jorge (1998, *apud* Fonseca, 2012, p. 10) “não tiveram a oportunidade de conhecer as amplas complexas lições culturais, sociais, políticos, filosóficos e linguísticos de diversas etnias do país”.

O não reconhecimento de quaisquer tipos de responsabilidades e funcionalidades às línguas locais, bem como a proibição da sua utilização na educação formal dos angolanos, viabilizou uma interação muito grande entre a língua portuguesa e as últimas. Como consequência, condições foram criadas/viabilizadas, por um lado, para a propensão ao desaparecimento, verificada em algumas das línguas locais, tendo em conta o grau de interferência da língua portuguesa; por outro, o surgimento de sentimento de perda de autoestima e complexo de assumir, como suas, as línguas locais, por parte de um número significativo de locutores de uma ou outra língua local. (Mingas, 2005 p.3).

Estes fatores e outros fizeram com que hoje mergulhássemos nesta realidade, atualmente, graças alguns estudiosos trouxeram conhecimentos que visava classificar e identificar as línguas que existem no território que hoje chamamos de Angola, de referir que, quanto aos estudos linguísticos, em Angola, ainda existe pouca bibliografia confiável, com isto, os primeiros estudos ligados aos conhecimentos da constituição das línguas que compõe o território que hoje é Angola começaram com os missionários coloniais, porque segundo Coelho (2015, p. 3) “ pode se dizer que os estudos classificativos sobre os povos de Angola deve-se sobre tudo aos contributos dos missionários coloniais, já que trabalhos dos profissionais da etnologia e etnografia só apareceram muito mais tarde”, e outro contributo muito importante que temos é do Héli Chatelain (1894), este autor traz um conhecimento profundo sobre os povos que estava no território e mostra quais são povos que estavam sobre controlo da Administração portuguesa.

Além disto, estes autores mostram que os seus estudos foram feitas antes, até vejamos nas suas classificações, eles utilizavam os termos como: povos de raça negra para se referir ao povo Bantu e raça amarela para se referir ao povo Khoisan, só mais tarde com apresentação do trabalho publicado em 1940 diplomado pela escola superior colonial e administrador de circunscrição José Ribeiro da Cruz, neste trabalho traz novas terminologia como: Bantu para designar o povo que habita no território angolano, excetuando os Boximanes que faziam parte do sul da colônia da população da província da Huíla Coelho (2015), o trabalho José Ribeiro da Cruz publicado em 1940, ele, identificar os dois grupos étnicos que viviam no território que são: ba-cacala, ba-cuisso, ba-curoca, ba-cuando, e ba-cassequele, estes foram classificados como Baximones que muitas das vezes são chamados de povos primitivos de África austral e com base a este estudo encontramos tribos que constituem o povo Bantu como: Kikongo, Kimbundo, Lunda-Kioko, Umbundo, Ganguela, Lunyaneka, Lunkhumbi, Xikuanyama, Xindonga e Tyerero, este autor, diz “Baximones eram povos que vagueavam em pequenos núcleos, no planalto da Huíla nas margens do rio Cunene e Cubango são de pequenas estaturas e a sua vida é miserável” (Coelho, 2015, p. 05).

Em 1943 aparece uma obra publicada pelo antropólogo A. A. Mendes Corrêa, este autor traz uma classificação das línguas Bantus como: Quicongo, Quimbundo, Lunda-Quioco Ganguela, Umbundo, Nhaneca, Humbe, Ovambo, Herrero, Vátua, e Boximane, o problema que podemos encontrar neste autor é a falta de indicação de fontes bibliográficas, mas, é graças a esta obra conheceu-se pela primeira vez a

palavra Coi-san para se referir os povos Baximones, passando oito anos mais tarde, aparece uma obra titulado Etnografia Angolana publicado pelo etnógrafo Mário Milheiros, a importância desta obra do Milheiro para nós é que traz uma divisão étnico junto a uma situação geográfica dos povos, como podemos ver:

A este grupo pertencem as tribos de três sub-raças diferentes: baximone, vátua e banta: Habitam as regiões de porto Alexandre, Moçamedes, Chelas, Baixo Cunene, Baixo Cubango, Cuando e Bundas são: sub-raça Baximone, (Khoisan ou Baximone -hotentote)! Cung-Missão da Quihita, Quimpungo e Hoque; Quede- baixo Cunene (Mupa e Omupanda) SUB-RAÇA Vátua: Ovacuepe,-porto Alexandre, Moçâmedes e Huila: Ovacuisse-Rio bero, Giraul, Betiaba e entre o deserto de Moçâmedes e a serra da Chela; sub-raça Banta, Ramos Cuval: Cuval (Huila e Moçâmedes); Chimba ou Huimba (Gambos); Ova-cuanhoca (Distrito da Huíla), Ova-hacaona (Destrito da Huila), Ova-txavicua (Destrito da Huila) Ova-dombe (Moçâmedes e Huila), Ova-dimba (Destrito da Huila) Ramos mestiços: Ba- Cassequere (Moçâmedes) Ba-Cuacala (Luchazes, Bundas, e Cuando) Camaxis (Rio Cuando) (Milheiros,1951, *apud* Coelho, 2015, p.12).

Para Coelho (2015), aconselhasse que não se pode consultar este autor por falta de credibilidades das suas abordagens e por apresentar uma disparidade quanto a classificação das tribos que constituem o mosaico angolano. Ainda neste período, 1955 José Redinha apresenta o seu trabalho com título de os Povos de Angola e a sua Cultura, nesta obra o autor traz uma classificação que mostra a constituição das tribos, para ele,

Atuais populações autóctones angolanas são constituídas por Bantus, por alguns pré-Bantos e um número apreciável de não-Bantos, os Bantus angolanos pertencem à grande divisão dos Bantus Ocidentais, conquanto haja a assinalar, no Sudoeste da província, uma penetração relativamente extensa de Bantus Meridionais, atingindo para norte os Umbundos, até ao Bié e Bailundo. Adianta ainda que as composições étnicas dos Bantus Ocidentais apresentam traços Nigerianos e Camaroneses na sua zona noroeste, e fusões importante de sangue etíope, e fortes marcas das camitas Orientais nos Grupo de Sudoeste (Rendinha, 1962 *apud* Coelho, 2015, p. 15).

No que tange aos pré-Bantus, o autor conclui que estes apresentam uma importância muito fraca, habitando desde longa data as margens do rio Curoca e uma faixa territorial pouco definida no deserto de Moçâmedes e, logo, apresenta a seguinte classificação:

- ❖ Grupo Étnico Hotentote-Bosquiano (não-negro e não-Banto);
- ❖ Grupo Étnico Vátua ou pre-Bantu;
- ❖ Grupo Étnico Banto;
- ❖ Grupo Étnico Europeu (Rendinha (1962) *apud* Coelho (ibidem)).

Este autor apresenta uma organização interna dando hipótese de que, o Grupo étnico Hotentote-Bosquimano, tem sido repartido por dois agrupamentos principal:

- Os Muancala;
- Cassequeles ou Bosquimanos negros;

O grupo étnico Vátua ou pré-Bantos é formado por:

- Cuissi
- Cuepe–algumas vezes englobados na designação de Curocas derivado do rio curoca, cujas margens habitam.

Enquanto ao grupo étnico Bantu, sendo um grupo importante e maior a nível nacional o Redinha nos apresenta a seguinte divisão:

- Grupo Etnolinguístico Quicongo (Kikongu ou Congues)
- Grupo Etnolinguístico Quimbundo (Kimbundo Tymbundo)
- Grupo Etnolinguístico Lunda-Quioco (Lunda-Quioco ou Lunda Tshokwe)
- Grupo Etnolinguístico Umbundo (Ovimbundo)
- Grupo Etnolinguístico Ganguela (ou Ngangela)
- Grupo Etnolinguístico Nhaneca-Humbe (ou nyaneka-Lumkumbi)
- Grupo Etnolinguístico Ambó (ou Vambo também designado de Xikwanyama)
- Grupo Etnolinguístico Herero (ou Tjiherero)
- Grupo Etnolinguístico Xindonga (ou Oshindonga)

No fim, este autor diz que “estes grupos etnolinguísticos fundamenta-se, como a sua própria designação indicada, em diferença de ordem linguística (sobre fundo geral da língua banta) existentes entre diversos grupos (Redinha 1962 *apud* Coelho *ibidem*), mais tarde, a pareceram vários estudos etnográficos que se empenhavam nos estudos dos grupos étnicos até ao ponto de abrir uma instituição que era responsável por estas atividades a Instituição de Investigação Científica de Angola (IICA), de referir que, em todos estudos observados, o trabalho que teve a maior relevância é do Redinha (1962) porque este estudo foi abrangente e as suas fontes mostravam ser verídico.

Atualmente, o português é considerado como língua oficial de Angola, língua de unidade nacional, língua que permite aos angolanos comunicar-se com o mundo exterior e é a língua mais falada a nível nacional, a mesma língua é protegida pela lei segundo a Constituição da República de Angola (2010, p. 12) no seu artigo 19º na linha 1 e 2 diz que “ a língua oficial da República de Angola é o Português e o Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional”, e quanto às línguas nativas, existe uma divergência quanto ao número exato das línguas que existem em Angola mas de referir que, para o Redinha (1975), Fernando e Ntonde (2002) mostram que em Angola existe 9 línguas, e olhando para o Artigo 6º da Qualificação: considera que existe 12 línguas como: Cokwe; Khoi; Kikongo; Kimbundo; Nganguela; Oxiwambo; Olunyaneka; Umbundu; Vátwa, Helelo; Luvale e Mbunda, e segundo Bernardo (2018) este autor diz que em Angola existe mais de 20 línguas, com base a esta realidade, as línguas nativas de Angola possuem um estatuto que tem como objetivo principal é de promover a inclusão social e fortalecer a unidade na diversidade, o pluralismo cultural e linguístico, para a sua regularização na utilização, as mesmas línguas possuem um estatuto baseado nas seguintes ideologias: promover a inclusão social e fortalecer a unidade na diversidade o pluralismo e linguístico; evidenciar a importância das línguas nativas como veículo de cultura, instrumento de comunicação, meio de ensino, instrumento de relações sociais, políticas e econômica; com base a visão da Organização das Nações Unidas da Declaração Universal dos Direitos do Homem, exige que todo angolano tenha a possibilidade de usar a sua língua materna na vida quotidiana.

Hoje, as línguas nativas fazem parte do sistema educativo com base a Lei 13, de 31 de Dezembro de 2001, na Lei de Base do Sistema da Educação no seu Artigo 9º na a linha 1 e 2 diz que “o Estado promove e assegura as condições humanas, científico técnicas, materiais e financeiras para expansão e a generalização da utilização e do ensino de línguas nacionais, e sem prejuízo do nº 1 do presente Artigo particularmente no subsistema de educação de adultos, destacamos: o ensino pode ser ministrado nas línguas nacionais Ndombele (2017).

Olhando nas abordagens do Ndombele (2017) vemos que o autor está indignado com forma de como foram apresentadas as funções das línguas nativas dentro do sistema de ensino, sendo que a lei mostra uma linguagem subjetivas quando diz que: o ensino pode ser ministrado nas línguas nacionais, enquanto que a mesma Lei para o ensino de Língua Portuguesa diz que o Ensino nas Escola é ministrado em língua portuguesa, concordando com a indignação do Ndombele, só através da linguagem conseguimos entender que o Português é mais valorizado do que as línguas nativas, por isso Ndombele (2017, p. 77) afirma que “a Língua Portuguesa é a língua com estatuto privilegiado como língua oficial de Angola e esta ideia ainda é colaborada pelo Andrade (2022, p.170) quando diz que “os discursos oficiais apresentam a tese de que é preciso valorizar as línguas e culturas nacionais, mas é circunscrito por meio da língua portuguesa, moldando uma imagem de desvalorização das línguas locais”.

Com isto, o ensino de línguas nativas em Angola tem sido em muito caso um ensino superficial, tendo em conta, a falta de políticas linguísticas de ensino, a falta de materiais necessários e o seu modo de ensino é determinada pelas regiões de acordo com as especialidades das respetivas línguas nacionais como vemos:

Fyote-região Norte (província de Cabinda), Kikongo Norte (província do Uigw e Zaire); Kimbundo -Centro Norte (Luanda, Bengo, Kwanza-Norte, Kwanza Sul e Malange), Cokwe Leste (Lunda-norte, Lunda-Sul e Moxico); Umbundo- Centro Sul (Benguela, Huambo, e Bié); Oshykwanyama-Sul (Huíla, Namibe, e Kunene) e Nganguela -Sudoeste (Kwando-Kubango) (Chicumba, 2013, p. 8).

Por outro, se reconhece como língua nacional as seguintes línguas: Kikongo, Kimbundo, Tchokwe, Umbundo, Mbunda, Kwanyama, Nhaneca, Fiote e Nganguela, para línguas que integram a Resolução nº 3/87, de 23 de maio denota-se seis línguas que são: Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Cokwe, Mbunda e Oxikwanyama, o mesmo documento diz que as demais línguas de origem africanas, tais como: Olunyaneka, Nganguela e Fyote, continuam aguardando o seu devido enquadramento.

Baseando-se naquilo que acabamos de ver, intendemos que ainda existe outro problema ligado ao número exato de línguas que integram no sistema de ensino em Angola.

2. Nganguela: identidade etnolinguístico de um povo

Nesta secção iremos falar sobre Nganguela como identidade etnolinguístico, isto é, procurar mostrar que o termo Nganguela não se refere a uma língua específica mais sim é um termo usado para adjetivar o povo que viviam no Leste de Angola, e falar sobre o povo Nganguela estamos a falar de um conjunto de povos que possuem as suas próprias línguas, cultura e os seus modos de viver, localizados nas margens do rio Zambeze e Kwando.

Olhando para o termo Nganguela nos postulados do Batsikama (2010) este autor mostra que a palavra Nganguela está constituído por três elementos fundamentais que são: N prefixo+ gânga radical +la sufixo, para o Dicionário do Umbundu do Albino Alves e o Dicionário Cômbe-Português do Adriano Barbosa vemos que o verbo ganga significa brilhar, cintilar, propagar, o fogo de vista e ser cruel, o sufixo la (hala) marca ação. Assim, Nganguela significaria onde se faz muito sol e o Leste é um dos sentidos, por isso, Batsikama (2010 p.67) afirma que “Nganguela é a nascente do sol”. Como podemos ver no seguinte Mapa etnolinguístico de Angola:

Mapa etnolinguístico de angola

IV Colóquio Internacional de Doutorandos/as do CES, 6-7 dezembro 2013
Cabo dos Trabalhos



Fonte: Chicumba (2013 p.9)

O termo Nganguela etimologicamente deriva da língua Khangala/Mbunda que significa o Leste, porque segundo o Yambo (1997 *apud* Chimballi, 2017 p. 14) “o povo Nganguela não existe, muito menos língua Nganguela. Se me falar de povo do Nganguela, isto é, povos do Leste. Nganguela nas várias línguas do povo situado na bacia do rio Kasai, Zambeze e Kwando significa Leste”, Quimbongue (2013 p.22) “Nganguela é um grupo heterogêneo de Angola, composto por aproximadamente vinte povos pouco numerosos e isolados uns aos outros”, e para Kukanda (2000 p. 114).

O Nganguela é falado essencialmente nas províncias do Bié, Moxico, Cuando-Cubango e Huíla, as suas variantes podem ser avaliadas em vinte dois (22):

- ✓ Lwimbi na província de Malanje

- ✓ Lwimbi, Nganguela, Ambwela, Engonjeilo, Ngomielo, e Mbande na província do Bié;
- ✓ Lwena Lwale (Lwvale), Lucazi, Mbunda, Ambwela, Ambwela-Mbande, Kangola (Khangala), Yakuma (Yauma), Luyo, Nkoya, e Kamashi, na província do Moxico;
- ✓ Lucazi, Mbunda, Nganguela, Ambwela, Kamashi, Ndungo, Nyengo, Nyemba, e Aviro, na província do Cuando-Cubango;
- ✓ Nganguela e Nyemba na província da Huíla.

Este grupo etnolinguística teria sido um dos primeiros Bantu a se deslocar dos grandes lagos para área subsaariana passando no Gabão até à República Democrática do Congo numa região do rio Kola, daí foram deslocando acompanhado as margens dos rios até chegar a este território que hoje chamamos de Angola, a procura da melhor terra para agricultura, produção de cerâmicas e ferros, estes, deslocaram até ao rio Zambeze, Kwando descendo para o rio Mavinga, durante muito tempo, este povo estava localizado nas áreas de Zambeze e Kwando e sempre identificaram-se como Vanganguela para dizer que somos povos do leste.

Baseando-se em visão do Yambo, as suas abordagens são fundamentadas na classificação apresentada pelo Guthrie (1967, p. 52), onde ilustra uma lista das línguas que constitui o grupo 10º na zona K que aparece “11 Cokwe, 12 Luimbi, 13 Lucazi, 14 Luena, 15 Mbunda, 16 Nyengo, 17 Mbuela e Nkangala Guthrie (1967) *apud* Chimballi (2017, p. 14), além desta classificação apresentada pelo Guthrie (1967), podemos ver a constituição das línguas que existem em Angola apresentada pela Secretaria de Estado da Cultura (Instituto Nacional de Línguas) publicada pelo departamento de investigação Científica, onde denota as seguintes línguas: Kikongo, Kimbundo, Cokwe, Umbundo, Mbunda, e Oxikwanyama D.I.C (1985), nestas classificações linguísticas apresentadas, vemos que, a língua Nganguela não é mencionada.

3. Metodologia

Um trabalho para ser considerado como algo científico, o mesmo, deve obedecer alguns critérios que o possibilite na sua credibilidade e veracidade dos factos, mas de salientar que, a utilização de métodos científico, não é exclusivamente usados nos trabalhos científicos, mas não existem trabalhos científicos sem a utilização dos métodos, com isto, entende-se como métodos segundo Marconi e Lakato (2003, p. 83) “o conjunto das atividades sistemáticas que, com maior segurança e economia, permite alcançar os objetivos” e, para Gil *apud* Oliveira (2011 p.9) “o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para atingir o conhecimento”.

O nosso trabalho é da natureza bibliográfica, fizemos recurso a diferentes referências para explicar o fenómeno ou problemática que nos propusemos em abordar, com isto tivemos como base as seguintes referências: Sapir (1761), Quimbongue (2013), Chimballi (2017), (Coelho, 2015), Naege (2017), Santiago (2015), Abdula (2014), etc.

3.1 Considerações Finais

O mundo relacionado às questões linguísticas Bantu em Angola é uma situação embrionária tendo em conta as políticas linguísticas atuais angolanas que

estão numa situação não apropriada, porque na visão do Sassuko (2015 p.23) diz que “ eu acho que a política definida pelo próprio governo angolano é que não está muito bem clara”, os estudos relacionados às línguas nativas de Angola não fogem à regra, estes, necessitam de muito trabalho a fim de evidenciar a verdadeira realidade de línguas nativas de Angola para ajudar a compreender melhor os fenómenos que enfrentamos, muitos dos estudos que foram realizados no passado precisam de uma verificação porque muitos deles não tinham o conhecimento profundo e suas abordagens são superficiais, colaborando com a ideia de que

Podemos observar que os povos que habitam Angola foram ao longo dos tempos considerado «tribos», «etnias», «grupo étnico», mas os levantamentos produzidos não testemunham corretamente a realidade, já que na sua grande maioria as informações produzidas na «carta étnica de Angola» constituem uma autentica ilusão. Encontramos «bosquimanos» ou «bochimanos», «hotentotes», grupo «não negro», grupo «não banto» «grupo étnico vátua ou pré-banto», enfim, uma série de designativos que não corresponde a realidade, por um lado porque não respeitam as atribuições que são dadas pelo próprios povos (isto é, a sua autoconsciência étnica), por outro porque estão registados na maioria parte dos casos designativos que são dados por povos vizinhos, atribuições essas que são, na maior parte das vezes, indicativos de escárnios, desconhecimento, troça ou todo tipo de menosprezo criado especificamente pelas entidades coloniais para designar tais povos (Coelho, 2015 p.29).

O enquadramento de Nganguela no sistema da educação em Angola, mostra que, a visão do Coelho (2015, p. 29) quando afirma que “os levantamentos produzidos não testemunham corretamente a realidade” porque, baseando neste trabalho conseguimos entender que Nganguela não é uma língua, mas sim é um conjunto de línguas que eram usadas pelo povo que se encontrava ao Leste do País, e quando nos deparamos com esta situação de que Nganguela é uma língua e está a ser ensinada nas escola, vem logo uma pergunta nas nossas cabeças: sendo Nganguela, termo que designa um conjunto de povos que possuem as suas línguas, culturas e o seu modo de viver e segundo o estatuto das línguas nativas considera Nganguela como uma língua para ser ensinada, que tipo de língua que está a ser ensina? Visto que Nganguela é um grupo Etnolinguístico constituído segundo QUIMBONGUE (2013, p.22) por “Luimbe, Luena, Luvale, Lutchazi, Mbunda,... Ambuela, Ambuela-Matumba, Ngoniolo, Mbande, Cangala, Iahuma, Ncóia, Camachi, Ndungu, Nyemba, Avico etc., e para Chimballi (2017 p. 41) o grupo etnolinguístico “Nganguela é:(Lwena, Luvale, Mbunda, Lwimbi, Kangala, Ambwila, Lutchaz, Kamachi).

Por outro, durante a realização deste trabalho, mostrou-se que é urgente procurar investir nos estudos linguísticos das línguas nativas, muitas línguas, estão desaparecendo não porque as pessoas preferem falar línguas como português, mas sim, a falta de valorização das mesmas, é necessário que governo crie políticas que promovam estas línguas e que se façam estudos adequados que visam descrever as línguas na sua plenitude sem limitações que possam distorcer a verdadeira realidade.

De referir que , o facto de considerar o grupo étnico linguístico Nganguela como uma língua com um estatuto para ser ensinada nas escolas, é uma autêntica vergonha e falta de estudos apropriados para esta área, mesmo olhando nos estudos feitos pelo Rendinha que mostra as etnias que constitui o mosaico angolano, o termo Nganguela refere-se a um grupo étnico e não como uma língua específica, porque este grupo, é um conjunto de etnias que possuem as suas culturas e línguas diferentes apesar de manter uma semelhança. Com isto, concluímos que deve haver outros estudos que tragam a veracidade do grupo étnico linguístico Nganguela, porque, este nunca foi uma língua, mas sim um termo que serve como adjetivo dos povos que viviam no leste das margens do Rio Kwando, Zambeze etc.

Referências

- AMARAL, A. R. **Antropologia espiritana**: museus, etnografia e colecções em Angola colonial (c. 1919-1960). Lisboa: Instituto De Ciências Sociais, 2018.
- ANDRADE, N. P. Uma análise discursiva do estatuto das línguas nacionais de angola. **Revista Missangas**. vol.3, n.6, p. 160-172, 2022.
- BATSIKI, P. C. **As origens do Rei do kongo**. Luanda: Mayamba Editora, 2010
- CÂMARA, C. L.; TIMBANE, A. A. (2022). **Estudos linguísticos e literários sobre Moçambique**. Itapiranga: Schreiben. 2022
- CARDOSO, F. **Em terra do Moxico apontamentos etnografia**. Angolense. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 2012.
- CHICUMBA, M. S. A educação Bilíngue em Angola e o lugar das línguas nacionais. **IV Colóquio internacional de Doutoramento /as do CES**, 6-9 dezembro 2023.
- COELHO, V. A classificação etnográfica dos povos de Angola (1ª parte). Mulemba. **Revista Angolana de Ciência Sociais**. Luanda. Vol. 5, n.9, p.1-14, 2015.
- DIMANDE, G. M. Línguas bantu ou línguas bantas. Gazeta de Artes e Letras. Maputo-. Moçambique nº 1083. Pag. 40-42,. 1991
- LAKATOS, M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- LEITE, I. B. **Línguas atuais faladas em Angola**: entrevista com Daniel Perez Sassuco. NUER- Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnica, 2015.
- MATOS, P. F. Projectos coloniais e seus efeitos: o caso do trabalho de José Redinha desenvolvido no museu do Dundo. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Coimbra, 1973.
- MINGAS, A. A. **Angola**: línguas nacionais e identidade cultural. São Petersburgo: Universidade Agostinho Neto, 2015.
- MUDIAMBO, Q. Da lexicologia e lexicografia de aprendizagem ao ensino da língua portuguesa. Lisboa: universidade nova de Lisboa, 2013.
- NACIONAL, A. (2001). Lei de Bases do Sistema de Educação. Luanda: Imprensa Nacional. 2021
- NAUEGE, J. M. **Da Norma À Variação**: Estudo De Caso Sobre O Uso Do Conjuntivo No Português De Angola. Évora: Tese (Doutotamento em Linguística) Évora: Universidade de Evora, 2017.
- NDOMBELE, E. D. Reflexão sobre as línguas nacionais no sistema de educação em Angola. **RILP-Revista Internacional em Língua Portuguesa** -nº31-2017.
- NEVES, C. Trilhos da Educação e do Português em Angola. **Revista da FLUP**. Porto, IV Série, vol. 6-2016, 113-127, 2016.
- PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski**. São Paulo: Soraia Bini Cury, 2015.

SANTIAGO, J. D. Zoonímia Histórico-Comparativa Bantu: os cinco Grandes Herbívoros Africanos. **Revista eletrônica Línguas Viva**, vol.3, nº1, p.1-317, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/linguaviva/article/view/717/769> Acesso em 21 mai 2025.

SILVA, A. X. **A influência da família no processo de ensino-aprendizagem**. Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências de Educação-Face: Brasília, 2005.

TCHIMBALI, A. D. **Antroponímia na língua nganguela**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2017.

SAPIR, E. **Language, Culture and Personality**. Berkeley and Los Angeles University of California Press, 1963.

Para citar este artigo: YETA, Domingos Njamba. Nganguela como identidade etnolinguístico de um povo. **AXÉUNILAB: Revista Internacional de Estudos de Linguagens na Lusofonia**. São Francisco do Conde (BA), vol.01, nº01, p.123-135, jan./jun.2025. (Editores: Abias Alberto Catito - UEFS & Maurício Bernardo -UEFS
**Coordenação: Alexandre António Timbane)

Domingos Njamba Yeta, Natural do Lumbala-Guimbo, província do Moxico, Licenciado na Universidade Luenji A'nkonda, especialidade em ensino de Língua Portuguesa. É professor de Língua Portuguesa no Iº e IIº ciclos, no Complexo Escolar nº02 do Ritenda/Dundo. E-mail: domingosyeta@gmail.com